

# Sabbatini celebra 120 anos da primeira apresentação

Mesmo com a procissão de Corpus Christi cancelada devido à chuva, às 9 horas de ontem, 3, a banda Padre Sabbatini fez uma retreta na igreja matriz São Virgílio para marcar uma data histórica extraordinária para Nova Trento e especialmente para sua música: há 120 anos, nesta mesma comemoração religiosa de Corpo de Deus, a Sabbatini fazia sua primeira apresentação aos neotrentinos, no ano de 1890.

Nos registros históricos está que no repertório constou a polca "Arlechino", do compositor cremonês Giovanni Bottesini (1821-1889). A retreta foi acompanhada pela comunidade e uma queima de fogos alegrou o festejo dos 120 anos. Para marcar a data, o sociólogo e jornalista italiano Renzo Grosselli, notável pesquisador do fenômeno da imigração italiana, enviou o artigo abaixo, que "O Trentino" traduziu e orgulhosamente compartilha com seus leitores:



Foto histórica: Banda reunida nos 120 anos da primeira apresentação, junto a padres jesuítas, os grandes incentivadores da criação da filarmônica

## A banda de Nova Trento: com a polenta e Santa Paulina, um pilar da cultura neotrentina

A proximidade não deve parecer uma ofensa à memória de Santa Paulina, mas a banda de Nova Trento, criada por iniciativa dos padres jesuítas há 120 anos, faz parte do conjunto de símbolos e de valores sobre os quais se apóia a identidade cultural do povo neotrentino. Símbolos e valores que podemos reassumir nessas poucas coisas: dialeto trentino, família, trabalho e religiosidade, mas também música e culinária. De uma forma esquemática, uma identidade assim apresentada: polenta, santa Paulina e banda.

Os trentinos imigrantes se juntaram ao novo território da então colônia Itajaí Príncipe Dom Pedro, na parte baixa do rio Tijucas, na metade de 1875. Naquele ano, 13 famílias de Roncegno (Valsugana, Tirol ou Trentino) se estabeleceram em meio à floresta numa zona que, primeiramente, chamaram de Ronzegnari, depois Tirol.

Menos de 5 anos depois, naquele distrito, que passou a se chamar Nova Trento, habitavam 1.700 pessoas de língua italiana, das quais 1.200 eram trentinas. Era gente que havia

trazido consigo cultura e história. Uma história feita de batalhas constantes e seculares com o território alpino, pela sobrevivência. Famílias unidas, dedicadas à pequena agricultura.

Antes da emigração, aquelas famílias já eram habituadas à emigração sazonal. Muitos habitantes de zonas de montanha, mortas para a agricultura de novembro a abril, levavam sua mão-de-obra para territórios planos de forma a obter dinheiro que o trabalho agrícola não lhes fornecia. Quando, a partir de 1800, a situação, mesmo com a emigração sazonal, tornava-se cada vez pior, tal a carência de comida e doenças, veio a raiva e a vontade de partir.

Nesse contexto, havia o Brasil, do outro lado do Oceano, que oferecia as suas florestas aos camponeses europeus. Aqueles camponeses trentinos, vênnetos e lombardos partiram levando poucas roupas, alguns instrumentos e sua cultura, feita de forte religiosidade. Levavam a família unida como única garantia de sobrevivência junto ao amor pelo trabalho, empreendido por homens e mulheres de todas as faixas de idade.

Não por menos, Santa Paulina era de Nova Trento: a forte religiosidade era uma característica fundamental na cultura trentina e do norte da Itália. Mas a cultura trazida pelos imigrantes também se expressa em Nova Trento na mesa, com a polenta e a festa do vinho, por exemplo. E vai ainda mais além o legado deixado pelos imigrantes. Também foi trazido por eles um amor pela música que, na história, é sempre tido, prepotentemente, como "italiano". Atenção. Naquele povo humilde e simples, também havia o amor pela música, tanto tocada quanto à cantada.

Era típico para os trentinos e vênnetos, ao fim de uma jornada de trabalho ou depois da missa de domingo, colocarem-se juntos, em 5, 15, ou 20, mulheres e homens, e começarem a cantar em grupo. Nascia, ali a tradição trentina dos coros.

Não era raro encontrar, mesmo em 1875, trentinos (não propriamente camponeses e, portanto, não os mais humildes) que tocassem em uma banda. Os primeiros grupos populares desse tipo do qual se tem notícia datam do início do

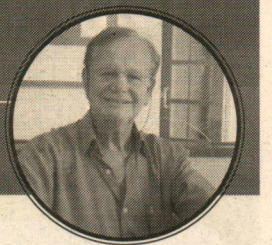
ano de 1800. Em 1914, em plena Guerra Mundial, já eram cerca de 80, com mais de mil músicos.

Na época da emigração, poucos imigrantes trouxeram consigo algum instrumento musical ao Brasil. A Banda Sabbatini não nasceu, provavelmente, sob o estímulo das famílias de agricultores. Foram, sobretudo, os padres jesuítas que chegaram em Nova Trento logo após os imigrantes, que deram estímulo à criação da banda. Foram os jesuítas os líderes intelectuais daquela população. E eram, como grupo, profundamente italianos, ligados àquela nação italiana que acabava de conseguir criar o seu Estado na Europa.

Construções de igrejas e capelas, mas também de estradas e pontes, hospitais, depois cooperativas e em termos culturais, a banda: a sociedade neotrentina se desenvolveu entre a presença dos jesuítas, de modo original, partindo de mitos, ritos e valores que vieram, sobretudo, do norte da Itália. Eis porque madre Paulina, polenta (vinho) e Banda Padre Sabbatini.

### NOVA TRENTO E SUA HISTÓRIA

Moacir Facchini



Os fatos abordados na semana passada remontavam à década de 1830. No ano de 1835, o governo provincial de Santa Catarina concedia o direito de exploração das terras do que hoje é Nova Trento à Christóvão Bonsfield, súdito Inglês, e negociante sediado em Desterro (Florianópolis). Este requereu e conseguiu uma sesmaria no Ribeirão Alferes, para construir aí um engenho de serrar madeira e fundar uma colônia de agricultores. Este foi o primeiro passo para a colonização das terras de Nova Trento. Note que é anterior à chegada dos imigrantes italianos.

O engenho construído por Bonsfield possuía uma grande serraria acionada a água captada de "formosa cascata" distante pouco mais de 500 m da entrada do Ribeirão Alferes e que movimentava mais de doze serras verticais que desdobravam 50 a 60 dúzias diárias de tábuas.

No entanto, Christóvão Bonsfield não se sabe por que passou o empreendimento para a firma Wels, Pedricsh e Gonçalves. Infelizmente, o empreendimento não progrediu. O núcleo instalado ao seu redor recebeu o nome de Serras.

Junto com Bonsfield vieram imigrantes norte-americanos que ficaram aqui pouco tempo (1838), quando retornaram para sua pátria. Aproveitaram-se de uma grande enchente e rumaram de balsas até o oceano. As propriedades foram vendidas ao governo provincial.

Lucas Boiteux descreve um dos últimos ingleses que ficou por aqui. Chamava-se Charles King, destemido desbravador. Era um tipo rude, cabelos amarelados, raramente cortados, sobrelhas arrepiadas, imensa barba branca, tisonada pela fumaça do cachimbo. Olhos azuis com pálpebras já empapuçadas, possuía alma bondosa e sofredora. Faleceu aos 70 anos, com a saúde abalada pela bebida. Este teria sido o último remanescente dos ingleses nestas terras. Não percam na próxima edição os preparativos para a chegada dos imigrantes italianos.

**CORREÇÃO:** Na última edição, houve dois equívocos. O capitão João Amorim estabeleceu-se com a família no Rio do Braço em 1835, e não 1883. A colônia pertencente à freguesia de São João Batista chamava-se Nova Itália e não Nova Trento. Peço desculpas aos leitores pelos enganos.